

EDITORIAL

CIDADES chega ao número 10, o que é pouco para uma revista que ainda está firmando suas raízes e se consolidando como espaço para o debate e a crítica, tanto quanto deseja ser objeto dela, entre os que se dedicam à análise da urbanização. Por outro lado, já temos alguns motivos para, mesmo tão jovens, comemorarmos essa marca, num país em que os periódicos científicos nem sempre são longevos.

Nesses dez números, CIDADES publicou 79 textos. Entre os autores, 74,5% são brasileiros e 24,5%, estrangeiros. Entre os primeiros, há pesquisadores pertencentes a 12 universidades públicas, sete federais e cinco estaduais, a uma universidade confessional e a duas instituições não universitárias. Entre os estrangeiros, temos autores da França, associados a seis instituições diferentes, além dos que realizam pesquisa em universidades de Portugal, do México, da África do Sul, do Chile e da Alemanha. Esses dados ajudam o leitor a ter uma visão, ainda que sucinta do que vimos realizando.

Nossa comemoração realiza-se com a apresentação ao público de um número dedicado ao tema "A cidade e o urbano: uma busca conceitual", o qual contém uma parte dos textos que foram elaborados para o XI Simpósio Nacional de Geografia Urbana (Simpurb), ocorrido em Brasília, de 1 a 4 de setembro de 2009.

Esse Simpósio, uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia, da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Nelba Azevedo Penna, teve como tema central "Vinte anos de reflexões sobre o urbano e a cidade: transformações e tendências", o que foi bastante apropriado para um balanço sobre nossos avanços e nossos limites, desde a realização do primeiro simpósio da série, em São Paulo, em 1989, por iniciativa de Ana Fani Alessandri Carlos, da Universidade de São Paulo.

Não por acaso, este número é aberto com texto dessa pesquisadora, intitulado "A ilusão da transparência do espaço e a fé cega no planejamento urbano: os desafios de uma Geografia Urbana crítica", pois foi ela quem proferiu a conferência de abertura do Simpósio e nos ofereceu um *telos*, a partir do qual também pudemos acompanhar os debates que se realizaram durante todo o evento.

O título dessa conferência, com suas metáforas tão apropriadas, é, sem dúvida, uma síntese bem formulada da advertência que a autora nos faz, convidando-nos à reflexão sobre as concepções e os limites que a Geografia Urbana brasileira denota, num período em que a mundialização, para se realizar, revela-se por meio de uma sociedade que é, tendencialmente, urbana. Ela oferece elementos para se apreender o sentido da produção do espaço, num contexto em que o movimento de valorização do capital busca novos elementos para a reprodução do modo capitalista de produção, tendo no espaço urbano o continente desse processo, tanto quanto esse espaço propicia o controle, como ela destaca, sobre “as forças sociais que poderiam opor-se ao poder político”.

Os cinco textos subsequentes foram elaborados pelos convidados à mesa redonda “Questões atuais sobre a cidade e o urbano: limites e possibilidades da Geografia Urbana”, coordenada por Amélia Luisa Damiani, da Universidade de São Paulo, autora do texto “Urbanização crítica e produção do espaço”. Tratando da totalização do urbano pela economia e do urbano economizado, como base do aprofundamento das crises, a autora compreende a urbanização crítica “como um momento determinado da produção do espaço”. A referência empírica para sua análise assenta-se na metrópole paulistana, que é expressão, por meio da produção de seu espaço, do estágio dessa atualização econômica.

Pedro de Almeida Vasconcelos, das Universidades Católica de Salvador e Federal da Bahia, oferece-nos uma contribuição valiosa sobre “O rigor no uso das noções e conceitos na Geografia Urbana”. Ele parte da constatação, feita por pesquisadores de outras áreas do conhecimento, de que a Geografia enfrenta problemas epistemológicos que se refletem no campo de nossas pesquisas urbanas. São muitos os pontos de vista, segundo os quais ele nos mostra os problemas no uso das noções e conceitos pela Geografia Urbana, chamando nossa atenção para a necessidade de uma atitude mais crítica. Esse autor trata das decorrências e equívocos gerados pelas mudanças de lugares e contextos, de culturas, de idiomas e de disciplinas, sejam elas as observadas ao longo do tempo, as que decorrem da hierarquia, segundo a qual os conceitos são valorizados no âmbito da disciplina, ou as relativas às correntes filosóficas ou teóricas. Aborda, ainda, as consequências dos problemas de edição, da produção de novas noções e conceitos, bem como trata dos riscos da polissemia.

O texto seguinte é “Reflexões sobre a cidade e o urbano: o atual como produto do processo de construção da Geografia Urbana”, de Oscar Sobarzo, da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele nos alerta sobre a necessidade de buscar as origens de conceitos e definições para não nos circunscrevermos à análise do atual, considerando-o sempre como “novo”. Para isso, valoriza, em seu texto, a dimensão temporal, considerada a partir dos planos da história da cidade pesquisada, da história da temática analisada e da história da produção realizada no âmbito da Geografia Urbana. São quatro as perspectivas, segundo as quais ele desenvolve sua abordagem: a definição de cidade, o estudo dela, a rede urbana e o tratamento do urbano.

Anselmo Alfredo, da Universidade de São Paulo, elaborou o artigo “Negatividade e a crítica à crítica crítica: sobre espaço, tempo e modernização”. Pensar o espaço como abstração é o convite que o autor apresenta nesse texto. Ele parte da avaliação de que mesmo o pensamento considerado crítico tem sido restrito, na medida em que dá relevância grande à materialidade do real, por meio do espaço, sem que seja feita a “crítica necessária a uma sociedade determinada por abstrações, de modo que a análise física da realidade moderna prevaleceu sobre os critérios sociais”. A abstração espacial é o aporte trazido pelo autor na seção final de seu texto, ao nos advertir sobre a importância de tomar o concreto como fetiche e não reconhecê-lo “como explicação do Real moderno”.

O último texto deste número de CIDADES é o elaborado por Odette Carvalho de Lima Seabra, da Universidade de São Paulo, que não pôde participar da mesa redonda mas, na condição de convidada, produziu o texto “Metropolização: a reprodução do urbano na crise da sociedade do trabalho”. O percurso elaborado pela autora estrutura-se, segundo os enfoques do espaço do capital e de sua reprodução, das políticas de espaço e das relações entre cultura e reprodução. Assim, a proliferação do tecido urbano metropolitano, em todos os sentidos e direção, é destacada por ela, revelando o processo de implosão e explosão da metrópole fragmentada, movimento no âmbito do qual se configuram os territórios de uso, ainda que “a reprodução do urbano dificilmente poderia ser entendida como ato ou processo que se resolva a partir do uso”, num período em que a generalização do valor abarca a realidade urbana.

O número 10, que ora apresentamos aos leitores, não teria sido possível não fosse o trabalho realizado por Nelba Azevedo Penna, que contactou os participantes do Simpurb, estimulou-os à elaboração de textos para apresentação durante o evento, ao aperfeiçoamento deles após os debates realizados e, enfim, trabalhou para reunir o material para este número e para os dois subsequentes,

desempenhando, assim, o papel de co-editora. Serão, desse modo, três edições de CIDADES elaboradas por meio dessa parceria.

Registramos nossos agradecimentos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), que contribuiu, significativamente, para o financiamento deste número da revista.

No final desta publicação, o leitor encontrará as chamadas para os próximos números temáticos: "Cidade e festa", sob responsabilidade editorial de Paul Claval, da Université de Paris, e "A Produção do Espaço Urbano: o sentido das políticas públicas", cuja editora será Silvana Maria Pintaudi, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro. Esses dois números, 13 e 14 respectivamente, virão a público em 2011.

Maria Encarnação Beltrão Sposito